



O NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário - Preço: 75\$00

Editorial

OS NOSSOS BANHISTAS

Agora já não se pode dizer assim. Dantes, está bem. Mas será que actualmente já não há banhistas em Fão? Há, sim, e pelos vistos *in magna quantitate*. Só que não se vêem. No entanto, as barracas da praia duplicaram ou quintuplicaram. E quê deles? Andam por aí. E quem são? Não sabemos.

Este panorama contrasta com o que dantes se passava nos verões de antigamente. No início da época balnear, há umas dezenas de anos atrás, o povo ia assistir á paragem das camionetas para ver os banhistas chegar. E lá vinha o dr. Sampaio e Castro e os seus familiares. Chegava também o dr. Franklim Nunes. E mais o dr. Rodrigues Baptista, de Braga, a esposa, o seu cunhado Adolfo Matos, e ainda o Ten. Vasques e também os Moura Coutinhos. De Barcelos apareciam o Carvalhinho, o Décio Nunes, a família Carvalho, o dr. Martinho, o tenente Faria e o Soucasaux. Do Porto ainda o dr. Alexandre Babo, a família Paz dos Reis, o sr. Madeira, a D. Joaquina, sua esposa, os Almeidas Dias, o sr. Adriano e filho, o Germano Nobre, esposa, as filhas Carlota, Anita, Tereza, um filho e os respectivos *arreboques*: Madureira e Pádua Ramos. Não esquecemos o famoso Fernandinho. De Guimarães, as famílias Fernandes e Jordão. De mais longe, parece que de Idanha-a-Nova, vinham por aí abaixo o dr. Aprígio, seus dinâmicos filhos, esposa e cunhada. Ah, falta mencionar o Capitão Larcher, o Anfbal Abreu e mais alguns outros: O dr. Santos Júnior, o dr. Avelino Cunhal, esposa e a Geninha, irmã do dr. Álvaro Cunhal.

Rigorosamente falando, não se pode dizer que fossem muitos, mas não há dúvida que enchiam Fão.

O baile, à noite, no Clube fãozense, era o ponto de encontro. Diário, diga-se. Era aí, se a memória não nos atraiçoa, que se progamavam e calendarizavam os festejos, ou os passatempos, ou a ocupação dos tempos livres.

Havia um, como havemos de dizer?, entrosamento entre os banhistas e os fangueiros. Para isso contribuíam algumas famílias locais que faziam a ligação entre os dois grupos. estamos a lembrar a Mitó e sua mãe, a família Monteiro, principalmente o arq. Júlio, o Querubim Evangelista e seu irmão Zézé, os Mouras, Eurico,

Zé Emílio, Rui e Fernando, e ainda as senhoras Mouras. Neste sentido não se pode esquecer o Miro Careta que na época estival colava à banhista e era um *entertainer* não dispensável. Também os irmãos Novais, Luis e José e ainda o dr. Alceu davam um contributo de certa importância.

Bem, e afinal o que faziam os banhistas? É preciso lembrar que na altura, década de 50, havia poucos automóveis e a televisão não tinha chegado, de modo que as pessoas estavam mais soltas e tinham que inventar maneiras de passar o tempo. Organizavam-se passeios de bicicleta para se visitarem outras terras, como era o caso de S. Bartolomeu, no dia 24 de Agosto. Havia jogos no Campinho, desafios de futebol e voleibol entre banhistas de Fão e de Esposende. Lembra-nos que uma vez se foi jogar basquetebol a Viana. Realizava-se teatro e levavam-se à cena, no salão Paroquial, revistas, tudo ensaiado e dirigido só pela população veraneja. Efectuavam-se cortejos a favor deste ou daquela instituição local. Fez-se o rapto do então jovem Rui Carrington que pôs a colónia e a terra em estado de sítio. Se nos permitem assim expressarmo-nos, diremos que quando vinham os banhistas, chegava a alegria a Fão.

Ora estes festejos e o que eles continham de entrosamento e inter-ajuda criavam uma vivência própria que tinha como base estrutural a terra de Fão e como ingrediente precioso o amor ao burgo. Foram belos os momentos que aqui se passaram: apareceram namoros, fizeram-se casamentos e Fão passou a ser uma referência importante na vida dos veraneantes. As pessoas correspondiam-se, visitavam-se e sempre diziam: "até ao próximo Agosto em Fão". Não foi por acaso que no início da época de 40 surgiu o Grupo dos Amigos de Fão, constituído ou formulado por banhistas e que foi um factor de coesão entre os banhistas e entre estes e a terra.

Os fangueiros mantinham em alto apreço a sua colónia balnear. Conheciam as suas personagens, sabiam-lhes os nomes, as suas preferências tratavam-nos como coisa sua e era com certo tom enfático que diziam: "os banhistas de Fão, os **nostros** banhistas".

Hoje esse cordão umbilical desapareceu. Não apareceram mais Coelho Alves, Zé Emílios ou Madureiras. Os banhistas existem em Fão, mas não vivem Fão. Por isso já não são **nostros**.

EVOCAÇÃO

Conheci-o pela altura do 1.º aniversário de "O Novo Fangueiro". Após as palavras habituais da apresentação, olhou-me sério, com aquele olhar arguto, e avaliador que todos lhe conhecemos, e desfechou, peremptório: - "O seu saia-e-casaco tem bom corte!" Não pude deixar de sorrir ante o inesperado e original cumprimento. Foi o ponto de partida para o considerar uma pessoa diferente.

Não vou aqui fazer o seu elogio póstumo - outros mais autorizados já o fizeram. Quero, apenas lembrar três momentos que marcaram o nosso breve convívio.

O primeiro, já acima referi. O segundo foi alguns anos depois, numa festa em Fão, salvo erro em fins de Agosto. Após o almoço, na "Rita Fangueira", fomos até casa dele. Aí, no quintal, as frutas caídas das árvores, juncavam o chão; outras, já maduras, estavam ainda suspensas, à espera de serem colhidas.

Então, as suas duas filhas resolveram apanhar toda aquela fruta, tarefa a que, de bom grado me associei. E ali estávamos os quatro, nós as três afadigadas a encher os cestos e ele sentado, envolvendo-nos no mesmo olhar, benévolo e sorridente. Por um fugaz momento, foi para mim como se meu pai tivesse voltado à vida, como se me sentisse um pouco sua filha. Mas foi só um momento. O encanto quebrou-se, a "apanha" da fruta terminou e o tempo foi passando.

Depois esse foi o terceiro e último momento - fui convidada para uma sardinhada em casa do senhor Américo Saraiva. Foi numa época difícil para mim, sob vários aspectos. Procurei, no entanto, nada deixar transparecer e agir naturalmente. Mas os seus olhos perspicazes, que "viam" para além do visível, detectaram. E, sentado a meu lado, à mesa, disse-me: - "Está magrinha, tem de olhar por si". Todo o almoço foi cuidadoso comigo, enchendo-me os pratos, chegou a levantar-se para ir ao outro extremo da mesa buscar um pudim para eu provar: "Só um bocadinho, que é muito bom". Creio que, devido ao meu estado de espírito só laconicamente lhe agradei tanta solicitude. Mas nunca a esqueci.

(Continua na pág. 2)

GENERAL RODRIGUES DE AREIA

A fim de assumir o cargo de Inspector-Geral do Exército - o terceiro lugar na hierarquia geral de arma - abandonou o cargo de Comandante da Região Militar do Norte, o General José Rodrigues de Areia. Ao ilustre militar, honra de Esposende, endereçamos um sentido abraço de parabéns.

EVOCAÇÃO

(Continuação da pág. 1)

Por isso, venho hoje aqui repetir-lhe, certa de que ele as ouvirá, as palavras que então lhe disse, mas agora com enternecida e comovida saudade:

- Obrigada, Senhor Agonia!

Maria Emília Corte Real

AGRADECIMENTOS

A família de António Agonia Pereira vem por este meio agradecer todas as mostras de carinho e de amizade que lhe foram prestados por ocasião do falecimento do saudoso extinto.

A família de Rosa Fernandes Morais (Rosa Coxinha) agradece penhoradamente a todas as pessoas que se dignaram participar nas cerimónias fúnebres do seu ente querido.

Os familiares de Rosária Ferreira de Miranda agradecem a todos quantos participaram no seu enterro ou de qualquer outra maneira lhes manifestaram o seu pesar pelo falecimento da saudosa extinta.

A família de Eugénia Mendanha Gonçalves agradece todos os manifestos de amizade que lhe foram expressos aquando do seu falecimento.

DESASTRE

Quando regressava a Fão, proveniente do Porto, sofreu grave acidente de automóvel o nosso assinante Armandino Antunes de que saiu bastante mal tratado. Esteve alguns dias num hospital do Porto, mas presentemente já se encontra em casa, livre de perigo e com melhoras acentuadas. Desejamos um pronto restabelecimento.

ENTRE NÓS

Para passar uns dias de férias em Fão, regressou da Suíça o conterrâneo Augusto Miranda de Faria.

Dos Açores regressou a Fão por alguns dias a nossa prezada amiguinha Cristina Mendanha Vaz Álvares. Não esquecemos a oferta de sua casa em S. Miguel.

De França estiveram entre nós, durante o mês de Agosto, Tereza Eusébio, Carmen Pedras da Silva (a Kany), Manuel Ferreira Graça, Irnand Moteo, Manuel Faria Graça, Manuel Arantes Gomes, Orlando Graça, Manuel Oliveira de Sousa, Branco da Cruz, António de Jesus Carlos, Domingos Morais Silva, e Joaquim Magalhães.

Para passar alguns dias de descanso encontra-se em Fão, vindo da Alemanha, o nosso conterrâneo Manuel Lopes Gaifém.

Do Brasil, vieram até nós as conterrâneas Aurora Gaifém, Maria Emília

Viana Espojeiro e sua filha Adelina Beatriz Viana Espojeiro.

Também procedente do Rio, encontra-se em casa dos seus familiares, o nosso prezado assinante Paulo Ribeiro Branco. Trouxe-nos um abraço do sempre saudoso de Fão, Maximino Gomes Calafate a quem daqui saudamos vivamente, esperando que no próximo ano o possamos, abraçar em presença física. E aproveitamos a deixa para um abraço ao Amândio Caramalho.

UMA SUGESTÃO

A Rua dos Bombeiros termina, como todos sabemos, com a rampa que dá acesso à estrada nacional n.º 13 que entre nós recebeu o nome de Avenida Visconde S. Januário. Para quem vai atravessá-la (à avenida) quer para ir à praia, quer para vir dela, torna-se um bocado perigoso ou pelo menos demorado, já que o trânsito automóvel é intenso. A melhor solução seria aí abrir um túnel para peões junto à rampa e que fosse dar às Rodas. Foi pena que tivessem autorizado a construção daquela propriedade horizontal situada no gaveto formado pela Rua dos Bombeiros e a estrada nacional, até ao extremo da rampa. Deviam ter deixado um espaço nem que fosse para ampliar a subida. De qualquer modo ainda é possível abrir um túnel de metro e meio, que iria dar à descida em frente ao banco.

Disse-nos quem sabe que a obra não excederia os dois mil contos e não levaria muito tempo.

É só uma sugestão que nos parece muito pertinente.

DOENTE

Foi operado no Hospital de Fão o nosso prezado assinante Manuel Arantes. A intervenção cirúrgica correu bem de modo que o ilustre fonteboense, actualmente a morar nas Necessidades, já se encontra em franca recuperação. Desejámos pronto restabelecimento.

Depois de uma estada no Hospital S. João, no Porto, a nossa conterrânea Maria Adelaide Mendonha que vai ser submetida a melindrosa operação do foro cardiológico.

Fazemos votos para que tudo corra pelo melhor.

REFLEXÃO EM: "BORDA"

Quantos Francisco(s) Dias dos Santos Borda existiam em Fão? Quando? E de onde teria surgido o apelido de "Borda"?!...

Diante estas três simples perguntas eis, quiçá, muitos motivos para dúvida.

Com base em "O NOVO FANGUEIRO" (muito digno jornal) e alguns dos meus rascunhos de história, não resisto numa tentativa de resposta a este "quebracabeças" que a muitos estudiosos tem enganado.

Obviamente, estou de acordo com a possível existência de duas personalidades em Fão, com o mesmo nome. Uma destas é Francisco Dias dos Santos "Borda", que foi grande construtor naval nesta mesma freguesia, assim como, quinto fundador do Hospital de S. João de Deus em 1850

Segundo "O NOVO FANGUEIRO" de 10-1-1990, n.º 68, verificámos que "numa série de artigos publicados em "O CÁVADO" de 1964, de autoria de QUERUBIM EVANGELISTA, pode ler-se que Francisco Dias dos santos Borda teria chegado a Fão, procedente de Curvos, aí à volta de 1784". E acrescentava-se que "esta data não deve ser contudo aceite". Era casado com Maria Gonçalves Ferreira, natural de Fão, de cujo matrimónio nasceram os seguintes filhos: Francisco Dias dos santos Borda Júnior, que foi Capitão da Marinha Mercante nado em 1829, vindo a falecer em 1923 com 96 anos de idade (1); e o outro é Leopoldo Dias dos Santos Borda, que apenas sabemos que, feito o exame de instrução primária, emigrou para o Brasil, onde, como muitos outros dos seus conterrâneos, se dedicou à actividade comercial.

Sabe-se, também, que em 28 de Novembro de 1826 o casal era admitido à Irmandade da Misericórdia local, pagando uma pequena joia anual. Daqui verifica-se (com referência no Livro dos Irmãos) que, nenhum membro do referido casal estava dotado deste apelido. E também, não tinha chegado a Fão na terceira década do século XIX, por que, pelo que podemos reparar, ele já cá se encontrava por esta altura (1826).

Agora, quanto ao apelido "Sinaré", pouco tenho a dizer por falta de "bagagem"; mas, não deixo de insistir que já se define a existência de dois indivíduos, com cadastro idêntico.

Neste mesmo número de "O NOVO FANGUEIRO" (lá estou eu outra vez), lê-se que "por sua vez Cecília Amorim dá outra versão: O Francisco Dias dos Santos Borda (borda d'água) para se distinguir dos familiares de Curvos (...) É que os Sinarés moravam nas Pedreiras, o que quer dizer que também ficavam perto do rio".

Uma acta de Sessão da Misericórdia de Fão, nos finais do século XIX (1898), refere que seu filho (Francisco Borda Júnior), por testamento de seu pai, oferecia à instituição o retrato do finado assim como uma pequena esmola de cinquenta mil reis.

Por tudo isto, repare-se nas coincidências...

José Maria Machado do Vale



CONHEÇA-A MELHOR, CONHEÇA-A POR DENTRO

MARIA ARMANDA GAIFÉM SOARES
QUESTIONÁRIO DE PROUST

- Que é para si o cúmulo da miséria?
- *É ser miserável em tudo.*
- Onde gostava de viver?
- *No cantinho onde vivo.*
- Qual é o seu ideal de felicidade terrestre?
- *É a paz.*
- Para que faltas tem mais indulgência?
- *Para muitas sem me aperceber.*
- Que heróis de romance prefere?
- *Os destemidos.*
- Qual é a sua personagem histórica preferida?
- *É o Afonso Henriques*
- Quais são os seus heróis preferidos da vida real?
- *Todos os que me rodeiam.*
- Qual o seu pintor preferido?
- *Miguel Ângelo*
- Qual o seu músico preferido?
- *Beethoven.*
- Quais são as qualidades que prefere no homem?
- *Sinceridade, honestidade e bondade.*
- Quais são as qualidades que prefere na mulher?
- *A fidelidade e a ternura.*
- Qual é a virtude que prefere?
- *A de saber perdoar.*
- Qual é a sua ocupação favorita?
- *Ler e conversar*
- Quem gostaria de ter sido?
- *Quem sou.*
- Qual é o principal traço do seu carácter?
- *É a rectidão.*
- Qual é a qualidade que mais aprecia nos amigos?
- *É serem verdadeiramente amigos.*
- Qual é o seu principal defeito?
- *É gostar mais dos outros, do que de mim.*
- Qual é o seu sonho de felicidade?
- *É que os outros possuam, o que eu possuo.*
- O que seria para si a maior infelicidade?
- *Era perder alguém de quem muito gosto.*
- Quem é que gostaria de ser?
- *Quem sou.*
- Qual é a cor que prefere?
- *É o branco.*
- Qual é a flor que mais gosta?
- *Rosa.*
- Qual o pássaro de que mais gosta?
- *Andorinha.*
- Quais são os seus escritores preferidos?
- *Eça de Queiroz e Alexandre herculano.*

- E quais os seus poetas preferidos?
- *Camões.*
- Quais os seus nomes preferidos?
- *Rodolfo e Gonçalo.*
- O que detesta acima de tudo?
- *A mentira.*
- Quais são os caracteres históricos que mais abomina?
- *O fascismo.*
- E os feitos históricos que mais admira?
- *Os da expansão.*
- Qual é a reforma que mais admira?
- *A dos que não podem fazer mais.*
- Qual era o dom da natureza que desejava ter?
- *O de viver.*
- Como gostaria de morrer?
- *Inesperadamente.*
- Qual é o seu presente estado de espírito?
- *Calmo.*
- Qual é a sua divisa?
- *Honestidade e fidelidade.*

RECORDAÇÕES DE INFÂNCIA

Anos atrás.

As minhas recordações de infância são especialmente para os mais jovens, porque as pessoas de mais idade sabem bem como é que era. Não havia televisão, discotecas, rádio, só o ChelHo e o António Creixomil é que tinham um aparelho de rádio. Eram uma excepção à regra. Então o sr. António Creixomil, quando chegava a noite, punha o seu rádio à janela para as pessoas ouvirem as notícias e a música. Por esse motivo, no Largo Amândio Teixeira, junta-se um rôr de gente, como se fora uma festa para ouvir aquela caixa de música roufenha. Creio que foi só nos primeiros tempos, enquanto foi novidade. Bem, isto foi quase como uma introdução à história de hoje. Dizia eu atrás que não havia televisão, discotecas, etc. Havia uma casa de cinema em Esposende, mas era em Esposende; custava dinheiro o bilhete e também quase ninguém tinha carro e poucos possuíam bicicleta. Além do mais, ir de noite a Esposende e voltar a altas horas, não aliciava ninguém.

Por conseguinte, as pessoas compensavam a falta de distração de outra maneira. Não nos lamentem os jovens de agora. Os jovens de hoje, como têm tudo, acabam por não ter apreço por coisa nenhuma. As pessoas de antigamente, como desde quase crianças trabalhavam, tudo lhes era difícil; quando lhes era permitido um pouco de lazer, tiravam alegria e felicidade daqueles nadas que a vida lhes proporcionava, cada qual à sua maneira. No meu caso, No meu caso, mal saía

da escola, uma das muitas partes do trabalho que me cabia, era fazer as camas e varrer os quartos, coisa que eu fazia de bom grado. Pois enquanto fazia esse trabalho, abria as janelas de par em par e cantava quantos fados conhecia e não eram poucos.

Ora sucedia que duas casas adiante, tinha o sr. Alberto Belo a sua oficina de serralharia. O sr. Alberto (apesar de ser um latagão de homem, era mais conhecido por Alberto Bebé) para além de um excelente serralheiro, mais evoluído em tudo que os seus congéneres, era também um apaixonado do fado e da música. Ao fim da tarde, acabado o trabalho, dirigia-se para sua casa, sita na Areosa, quase no outro extremo da terra em relação ao Ramalhão, mudava de roupa e depois de jantar raro era o dia em que ele não vinha espaiar um bocadinho do seu trabalho árduo e fatigante, com a sua guitarra na mão, acompanhado do seu filho Manuel, outras vezes do Mário, que continuou as pisadas do pai com a guitarra. Porém, o sr. Alberto não tocava para ganhar dinheiro. Em Fão não havia estabelecimento com o título casa de fados. O seu amor à guitarra e ao fado, era amor puro que ele sentia de um modo desinteressado e apaixonado.

A casa de meus pais tinha a felicidade de ser o ponto escolhido pelo sr. Alberto para, na companhia de alguns amigos, dar largas à sua distração favorita: fados e guitarradas.

Quando eu, já mocinha, o via aparecer, ficava felicíssima. Na nossa casa era considerado um grande amigo, quase como de família. Chegava, transformava todo o ambiente em alegria. A mocidade do meu tempo parece que cheirava à distância os fados e guitarradas na casa da Tuta, ou nas Pedras da tia Leonora.

Quando o sr. Alberto começava a dedilhar a guitarra, dizia para mim: "Ó rapariga, canta lá aquele fado que cantaste hoje à tarde. Eu até parei de trabalhar, para te ouvir cantar!..."

Fadistas não faltavam: era o Américo Carvalho, que continuou a sua paixão pelo fado, tocando viola baixo; era o Domingos D'areia, o próprio filho do sr. Alberto, o Mário Belo, que também cantava muito bem, o Manuel Cascalho, etc. etc. O Manuel Cascalho, oh!... voz maviosa!... Uma voz de ouro. Era um sonho ouvi-lo cantar. Quantas vocações se perdem por falta de oportunidade... Ele era pobre, filho de uma costureira sem marido, que lutava arduamente para ganhar o sustento dela e do filho. Longe das grandes cidades, onde poderia ter chance de ser descoberto como um grande artista. Ninguém lhe deu a mão. Assim se perdem talentos. Abalou para o Brasil, perdeu-se-lhe o rasto. Quando chegava a hora de meus pais terem de encerrar as portas, aquelas pessoas que estavam no estabelecimento ou iam para uma dependência a que nós chamávamos de *salão*, ou iam para a rua, mesmo ali em frente para as Pedras da Tia Leonora.

As pedras da Tia Leonora tão faladas nas revistas e canções fangeiras...

Eu já só conheci a tia Leonora e sua irmã Maria, quando já eram muito velhinhas. Fiavam durante todo o dia. Já não tinham boa visão para fazer os famosos serões. Por conseguinte, à noite, não queriam que fossem para as suas Pedras perturbar-lhes o sono.

Então em dias em que estavam mal humoradas, levantavam-se, e em camisa de dormir, abriam a porta sorratamente, e lá vinha um balde de água, por cima daqueles noctívagos, que não as deixavam dormir, com seus fados e guitarradas.

Ó, bonito tempo! Baseado no respeito mútuo e alegria sã. **Maria Rosália.**

REMINISCÊNCIAS DE UM EMIGRANTE

Os fangueiros no Rio de Janeiro e no Brasil

De AMÂNDIO C. CARAMALHO

(Continuação da pág. 12)

a filha Ana ficou em Fão com os padrinhos que não tinham filhos, a snra. Martinha, e que mais tarde ficou conhecida como Ana da Martinha. Outra fangueira que conheci era a Elisa Carlota, casada com o snr. Paulino, e tinha dois filhos, Nair e Valdemar. Pouco tempo depois chegou a sua irmã Alexandrina. O antigo botequim do FARAÓ, era agora dirigido pelo Elias Ala, casado com a Arminda Turra e tinham 2 filhos. Estas três famílias, moravam no Bairro da Saúde, sendo que o antigo botequim do Faraó, na rua S. Francisco da Práinha, era o endereço mais conhecido em Fão, pois quase todos os marítimos lá faziam o seu ponto de referência. Alguns, quando estavam em terra, sempre davam um jeito de dormir, descansando do balançar das ondas. Em S. Cristovão, moravam a snra. Eulália (das Galegas) das Pedreiras, casada com o comandante sr. António do Monte (que eram compadres de minha mãe) juntamente com a sua filha Helena, casada com o Américo Reis, e também o sr. Amândio Reis mais o Manuelzinho Reis, (ainda estudando para piloto) mais 2 filhos do Amândio, Júlio e Álvaro que eram dois hábeis torneiros mecânicos de uma das poucas indústrias multinacionais que aqui existiam. No mesmo bairro também viviam a snra. Aninha Veiga, casada com sr. Salomão Pedrosa, como também o recém chegado David Machado e um irmão dele de nome Alfredo.

Com a nossa chegada, também morando em S. Cristovão, eram estas as 6 primeiras mulheres fangueiras que aqui viviam com seus maridos e filhos.

E foi assim que comecei a conhecer os fangueiros do rio de Janeiro, inclusivé meu pai e meus 4 irmãos que não conhecia.

Na casa da minha tia Faneca conheci todos estes JOVENS fangueiros: o Lameque e João Gonçalves Calafate que estudavam para piloto, o António Pedrosa e João das Quintas (ou Furtado) que se preparavam para telegrafista da marinha mercante, o Toneca, o D'areia, o Carlos Cardoso, o Aparício (irmão das Saúde) o Joaquim e João Carneiro. Este tinha um Gramofone, e aos domingos a rapaziada mais as moças das vizinhanças dançavam na ampla lage que ficava na frente das casas. Nas proximidades do largo e rua de S. Francisco da Prainha, moravam os irmãos Setenta, que eram o Luis, casado com a Elvira Tuta, o Zé Setenta, que casou com a Belmira bordadeira, o Nelinho e o Toninho, e mais tarde o Amândio que nasceu na mesma noite que eu, só que ele no dia 20 e eu na madrugada do dia 21. Nas proximidades também conheci os irmãos Pintores, filhos da sra. Rosa e de João Pintor que na época era o zelador da igreja da Misericórdia e levava o estandarte nos enterros. Chamavam-se Juvenal, Elisabeto, Domingos, José e Joaquim, todos pintores, e depois o António, o único que teve a profissão de carpinteiro e casou com a minha prima Ana (da Martinha) e que ainda vive aqui conosco, com 96 anos.

Os fangueiros que viviam aqui no Rio, costumavam-se visitar a miúde, todos interessados em saber notícias uns dos outros. Em

S. Cristovão, próximo do cais do Porto, estava atracada a barca d'água potável, que abastecia os navios que chegavam. Tinha como mestre o sr. Salomão Pedrosa e com ele trabalhavam vários fangueiros. Conheci o sr. João Reis Graça, o António das Voltas, o José Pipi (pai da Julieta que era casada com o Abel Torres). Conheci o João Consul, que também trabalhava no cais como Mestre arrais de uma lancha que puxava a reboque as chatas que transportavam cargas, e veio morar em nossa casa. E assim, como os fangueiros se encontravam uns aos outros, fui conhecendo um a um, como o meu primo Inácio, casado com a Ana Vicenta, e que no comando do navio Arara, morreu torpedado na guerra em 1942; o Cândido Laura, pai do Cândido e Augusto Teixeira, o José Freciana que era casado, se não me engano, com a Aninha Cascalha e que nunca mais soube dele, o Chico Gageiro, já casado aqui e seu irmão o João Lapapinta, o Zeca Paranho, o Álvaro Casanova, que depois casou e mandou vir a sua mulher Julia Dodão, o Sebastião Troia, os irmãos Ventosa - Joaquim, António e João - com quem fui trabalhar de ajudante de trolha e me fiz profissional, e ainda o seu sobrinho Sebastião que hoje em Copacabana tem a única casa na beira do mar, com quem trabalhamos juntos em 1932. O João casou com a Elvira Gonçalves que veio para aqui, bem como a sua cunhada, com quem casou depois de viúvo. Ainda conheci também o Leonídio e o Joãozinho Carneiro, não o mesmo do Gramofone, que era mais um trolha de Fão e também o Albino Torres (filho) e o Artur Mata. Toda esta gente na sua maioria, eram marítimos e operários, e o único empresário que conhecia era o sr. Manuel Pinheiro Borda, que foi terminar seus dias em Fão. No comércio 3 jovens caixeiros ficaram conhecidos na nossa terra: o Avelino Fulão, o Artur Sobral e o Alberto Vicenta. Em Porto Alegre viviam o António Pinheiro Borda, que se destacou como benemérito do Club Internacional, e é nome de rua junto ao estádio Beira Rio, o José Araújo Costa, filho da sra. Joana Vicenta, em Pelotas o Joaquim Viana, casado com uma Saragouça, e em S. Paulo depois os Gaifens, que se dedicaram ao comércio Hoteleiro.

Em 1928 veio a Augusta Gaio com o marido Vilela e filhas, Isabel e Olinda, e conheci o irmão Ascânio Gaio, que depois mandou vir seus filhos, Artur e António Moledo que foi um dos meus melhores amigos.

(Continua no próximo número)

MANCHETE

O nosso conterrâneo dr. José Albino Torres Saraiva foi manchete no Jornal A Bola de 5 de Setembro. Ao alto e na 1.ª página, pôde ler-se: José Albino - médico do Gil Vicente - Há "doping" na 1.ª divisão.

A entrevista é curiosa, tem interesse e é acima de tudo pedagógica. Zé Albino licenciou-se aos 22 anos em medicina e praticou sempre futebol em jogos oficiais: foi atleta do Fão, Esposende, Varzim e Gil Vicente. Agora fala ex-catedra.

DAR A FÃO UM TRÂNSITO NOVO, OU ENTÃO, F(AR)ÃO UM NOVO TRÂNSITO

Depois da Bonança (festas anuais) não será caso para tempestade, neste breve apontamento. Mas, pelo menos, para um pedido ao presidente da Junta de Freguesia (Fernando Pieira). Pedido feito não por um fangueiro. Porque sou "manteigueiro", pois nasci na Foz. Mas considero-me, se não levarem a mal, um fangueiro do coração. É que, logo aos cinco anos, comecei a conhecer Fão. Já não me lembro o motivo. Mas o certo é que o meu pai, lisboeta de nascimento, também se deve ter "nacionalizado" fangueiro. Porque, talvez atraído por tanta beleza que há em Fão e à sua volta, ali se deslocava muitas vezes com a família. E vejam o insólito: lembro-me de que, várias vezes, fomos num táxi, do tipo "Citroen arrastadeira", movido a gasogéneo, com o saco de carvão na mala do carro! Porque então eram os tempos difíceis provocados pelas calamidades da segunda grande guerra mundial. Atenção, gente jovem: não se riam com o facto de haver carros movidos a carvão. Porque o motivo foi aquela grande tragédia...

Ora bem: adquirido já o "visto" de fangueiro do coração e porque continuo a ser visita assídua, o meu pedido a (Fernando Pieira) vamos ordenar o trânsito em Fão. Talvez fazer como na bonita Albufeira, que também tinha um trânsito difícil, pois se cruzavam carros, havendo duas vias em ruas tão estreitinhas. E também como em Fão, havia o trânsito no centro. Daí a minha sugestão que se faça um estudo. Por técnicos especializados, claro, aproveitando o traçado das ruas, fazer com que os veículos andem sempre a circundar Fão, com um sentido só em cada via. E mais ainda: tirar o trânsito do centro, só permitindo a entrada a moradores; e estacionamento também só em sítios próprios. mas os pormenores de concretização deixo-os, naturalmente, para os técnicos. Para quem sabe. O certo é que Fão ficará mais bonita ainda e mais ordenada. E por certo que o eng.º Sousa Martins iria gostar muito...

Dias Costa - Jornalista



PÁGINA JOVEM

Olá, jovens! Cá estamos de novo no início de mais um ano escolar. Que as férias tenham sido propícias a renovarem a saúde, a força de vontade e a coragem para irem à luta pelo sucesso dos vossos estudos!

REFLEXÕES

Às vezes sinto que estou afundada num mundo irreal, difuso, imperceptível. Preciso de algo que me acorde, que me abra os olhos para o mundo real, que me traga de volta a mim.

Parece que um dia fui navegar no barco do meu inconsciente e nunca mais voltei. Desde então, lembro-me de tudo, acarinho as recordações mais do que nunca, amo o passado, perspectivo o futuro, mas não sei viver nem lidar com o presente.

Mudo as minhas atitudes, escondo-me atrás de falsos sentimentos, tento dominar os meus ímpetos e vontades. Torno-me submissa à vontade de todos e de ninguém, obediente ao destino, porque descobri que a sinceridade falhou e só me trouxe tristeza e desilusão.

Apesar de tudo, continuo a procurar a solidão, porque não sei lidar com as pessoas, não me sinto capaz de lhes mostrar o que sou. É como se estivesse a quebrar a minha privacidade. Se calhar, estou a tornar-me uma alienada, cada vez mais afundada em mim própria, mais submersa no meu pensamento.

E depois vem a minha moralidade travar os raros momentos em que surge alguma iniciativa, alguma vontade. Ou então, é a timidez, ou o orgulho.

E nem um poeta sou. A minha vida é um poema confuso e estranho, que por fora parece normal e feliz, mas por dentro encerra muitas hesitações, arrependimentos, frustrações.

Sem ser notado, o sofrimento flutua nele, de leve, atingindo-me por vezes. Sofrimento sem razão, ou sem razão que conheça, ou por mil e uma pequenas razões.

A verdade é que estou meia perdida. Sem um objectivo. Sem uma inspiração verdadeira.

Sinto a falta de momentos ébrios e abstractos todos repletos de emoção, sem mais nada. Outra vez um isolamento. Mas mais sentido, mais vivido.

Suponho que é a nostalgia que comanda o que somos, consoante a dose é maior, ou menor.

Mas é inútil tentar escondê-la, pois revela-se de forma subtil, mas marcadamente, num olhar perdido no infinito, distraído, que quase sempre passa despercebido.

Estou farta deste egocentrismo! Mas a verdade é que sinto saudades minhas, da pessoa que há em mim e que nunca conheci. Eu sou uma estranha para mim mesma. Sofrendo com os erros da estranha, arrependida pelas atitudes que ela não tomou.

Apetecia-me que a estranha não estivesse sob a censura do meu pensar.

Sinto-me como duas pessoas. E uma delas é-me totalmente desconhecida.

Queria que as duas pessoas se unissem numa só, para que eu pudesse consumir o milagre da vida na minha existência.

MARTA MENDES

PAUSA PARA SORRIR

Um cavaleiro muito preocupado com a sua saúde, sente uma dor muscular e vai logo consultar um médico.

Este, depois de o examinar, diz-lhe:
- "Isso não é nada! O senhor está de perfeita saúde. Não tem doença nenhuma!"

- "Obrigado, sr. Dr." - diz o cliente.
"Quanto devo da consulta?"

- "Quinze contos" - diz o médico.

- "Ai, então desculpe, mas por esse preço, não saio daqui sem o sr. dr. me arranjar uma doença, pelo menos!"

★

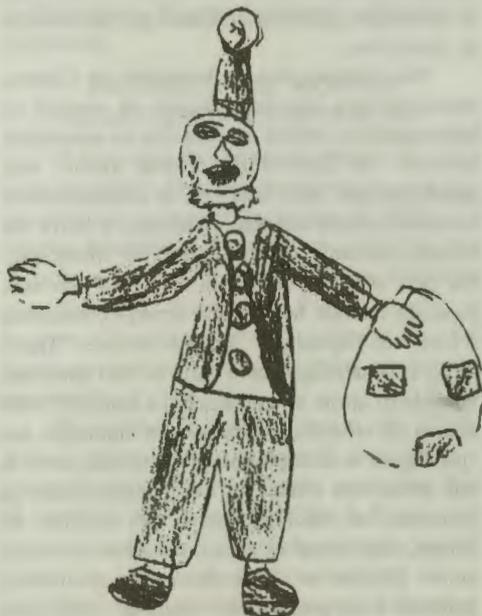
Num café. Um sujeito lê, no jornal, um artigo sobre os malefícios e o perigo de beber demasiadas bebidas alcoólicas.

No fim, diz a um amigo, que estava com ele:

- "Sabes, depois de ler este artigo, vou tomar uma decisão definitiva".

- "Vais deixar de beber?"

- "Não. Vou deixar mas é de comprar o jornal".



Desenho de MARÍLIA (11 anos)

LÁGRIMA

*Escorre-me uma lágrima inesperada
Vinda sem porquê
Outra vez!*

*Aparição solitária
Desta lágrima
Que me suscita curiosidade
Melodia silvestre*

*E enigmática,
Lágrima transcendente*

*Que penetras
Falésia a dentro*

*Sabes onde parar?
Caminho livre ou pastagens
abandonadas?*

*Grémio assustador,
Foi isso que te provocou
Lágrima incapaz?!*

Filipa Magalhães (17 anos)

O NÃO EXISTIR

*O momento é o
entanto de um sonho, nunca
sem utopia, nunca sem um ele ou ela.
Nunca sem um ninguém.*

*Lá está o pequeno homenzinho,
pobre pedinte, arrastando-se pelas
ruas,*

*fugindo do meticuloso destino, sendo
calcado e indignado, vertendo
lágrimas de sangue, por esse chão
fora.*

*Imenso, e sujo de ultraje, por
onde os ratos chegam ao esgoto.*

*Pedi vós ao Deus grandioso,
para que o socorra, porque este
vento frio,*

*já lhe não vale o pouco da
voz, que lhe vai na alma.*

*Águas derradeiras e
purificantes, que aguardais? Erguei-
o ao vento.*

*Pobre coitado, que angústia,
o não existir!*

JOSÉ MARIA VALE

ESTA FOLHA TEM O
PATROCÍNIO DE:

Impetus 

DE ESPOSENDE

Por: ARTUR L. COSTA



LEGISLATIVAS/95 ESPOSENDE REPRESENTADO EM QUATRO PARTIDOS

As eleições legislativas para escolha de futuro Governo estão à porta. Das listas de deputados pelo círculo de Braga, Esposende está representado nos quatro partidos políticos mais votados na anterior legislatura.

Alberto Queiroga Figueiredo, industrial e Presidente da Câmara Municipal de Esposende, eleito pelo PSD, ocupa o 5.º lugar na lista; D. Laurentina Veloso Fernandes Torres Rosa Faria, candidata pelo CDS/PP, está também no 5.º lugar; dr. Manuel Almeida Sá, pelo PS, ocupa o 13.º da sua lista; o prof. Manuel Fernando Carvoeiro, pela CDU, está no 7.º lugar.

Sobre os antecedentes políticos dos candidatos a deputados, Alberto Figueiredo é o Presidente da C. M. de Esposende, eleito pelo PSD, foi vogal da Comissão Administrativa desde Fevereiro a Dezembro de 1976, sendo eleito vereador em 1986 e, na qualidade de cabeça de lista, veio a ser eleito por maioria, presidente da Câmara Municipal, em 1989. Presidiu à Assembleia de Freguesia de Apúlia e pertence à Comissão Política Distrital do PSD, Braga.

O PSD, nas eleições legislativas de 1991, no concelho de Esposende, obteve 9778 votos e a nível nacional, com 50,4% dos votos expressos, conseguiu a maioria, com 130 mandatos.

Laurentina Veloso Fernandes Torres Rosa Faria, foi eleita vereadora à C. M. de Esposende em 1986, subindo a presidente do Executivo com a morte de Alexandre Rosa. Veio a perder as eleições de 1989 a favor de Alberto Figueiredo. Pertence aos órgãos nacionais do CDS/PP e do Concelho de Esposende. Nas anteriores eleições legislativas, o CDS obteve no concelho de Esposende 2114 votos e a nível nacional, 4,3%, com 5 mandatos.

O dr. Manuel Almeida Sá, advogado, candidato pelo PS, faz parte da Junta de Freguesia de Forjães e desempenhou funções na Associação de Pais, leccionou na Escola Integrada local e foi dirigente desportivo. O PS, no concelho de Esposende, nas eleições anteriores, obteve 3241 votos e a nível nacional 29,2%, com 72 mandatos.

Manuel Fernandes Carvoeiro é militante da CDU e integrou a lista de candidatos à Câmara Municipal de Esposende nas eleições de 1989. Pertence à formação política que, neste Concelho, ocupa o 4.º lugar. Nas eleições legislativas anteriores, obteve 384 votos e a nível nacional, 8,8%, com 17 mandatos.

Cabe aos nossos leitores, face aos elementos apresentados e disponíveis, fazer a sua opção. Recomendamos, também, uma reflexão sobre as propostas de cada um dos Partidos concorrentes.

DIA DO MUNICÍPIO - "ARRANJO DA BARRA DO CÁVADO: AJUSTE DE CONTAS COM A HISTÓRIA"

Completaram-se 423 anos que D. Sebastião concedeu o Foral de Vila e de concelho e dois anos da elevação de Esposende a Cidade, por lei de Maio de 1993.

As cerimónias e actos públicos tiveram início a 19 de Agosto com o hastear das Bandeiras na Praça do Município, seguindo-se a missa de sufrágio celebrada na Igreja Matriz de Esposende, com a sessão solene no Auditório Municipal, a que presidiu o Ministro Adjunto Luis Marques Mendes, ladeado pelo Governador Civil do Distrito de Braga, dr. Tito Evangelista e Sá na qualidade de presidente em exercício, dr. Manuel Azevedo em representação da Assembleia Municipal e Mons. Baptista de Sousa em representação do Prelado da Arquidiocese de Braga.

Aberta a sessão, procedeu-se à entrega de condecorações: a título póstumo, a Manuel Rodrigues Laranjeira, o infatigável fundador da Banda de S. Paio de Antas (Esposende), recebida por familiar, a Medalha de Mérito Cultural; Alberto Figueiredo condecorou o dr. Fernando Alberto Ribeiro da Silva, com a Medalha de Ouro do Município, galardão atribuído por deliberação do Executivo.

Nas intervenções, o Presidente da Câmara Municipal em exercício, depois de elogiar os homenageados, referiu as ausências de numerosos autarcas de Esposende e bem assim, dos munícipes que, mais uma vez, se alhearam deste histórico acontecimento. Todavia, a barra do Cávado continua nos propósitos do Município. Por isso, diria: "A barra tem sido para nós uma bandeira e ainda hoje, o seu arranjo condiciona o futuro de Esposende". E, mais adiante: "Trata-se de uma satisfação com mais de 400 anos, um verdadeiro ajuste de contas com a história". Não deixou de salientar o interesse do município em "privilegiar o diálogo com a sociedade civil" e das obras em curso ou com empreitadas já lançadas, no valor global de três milhões de contos, sem contar as docas, trabalhos ainda em curso. Elogiou as obras efectuadas no anterior mandato e do percurso até finais de 1997, com realce para Alberto Figueiredo, candidato a Deputado por Braga.

O dr. Tito Evangelista e Sá, dirigiu ainda referências elogiosas ao Ministro Adjunto Marques Mendes, pela defesa dos interesses do Concelho e da Cidade de Esposende, dizendo, também: "em 1994, a taxa de execução orçamental era de 89%, apesar de ser o primeiro ano de um novo mandato". E a terminar, depois de resumir as obras do presente e do futuro: "Não queremos um Concelho a duas velocidades. Com um Governo estável", os objectivos traçados vão continuar.

O dr. Alberto Ribeiro da Silva, Governador Civil de Braga, agradeceu a condecoração e criticou quem acusa os políticos de vida fácil, dirigindo palavras elogiosas a Alberto Figueiredo e a feliz descoberta do autarca, dos melhores do país.

Terminou a série de discursos, o Ministro Luis Marques Mendes que abordou o desenvolvimento de Esposende, graças à criteriosa administração de Alberto Figueiredo a quem dedicou rasgado elogio, considerando-o o melhor autarca do naipe cor de laranja.

DO PRESENTE AO FUTURO ENSINO UNIVERSITÁRIO

O discurso proferido pelo dr. Tito Evangelista e Sá, no acto solene do Dia do Município, deu algumas boas indicações do rumo traçado pelo Executivo Municipal.

Abordou as obras das docas, do âmbito do Ministério do Mar e da Área de Paisagem Protegida do Litoral de Esposende; sobre a zona industrial falou das negociações em curso para instalação de actividades não poluentes; na habitação social, além das construções concluídas e entregues, esclareceu que continuam os projectos em negociações para beneficiar as famílias jovens e carentes. O combate ao desemprego será uma constante, prevendo-se a criação de novos postos de trabalho. Para o efeito, vão manter-se a formação profissional e a Escola de Turismo. Decorrem negociações para instalação de um polo universitário, ligado a entidade privada; Prosseguem as políticas ligadas ao desenvolvimento e melhoria do ensino, a beneficiação de instalações escolares no concelho e, ainda, os projectos sobre o desporto escolar, com a prática de novas modalidades, entre elas, a natação.

A fixação das populações em geral, é outra das preocupações do Município, devendo promover-se a construção de instalações culturais; O Turismo, uma actividade moderna e com futuro em Esposende, terá as infra-estruturas apropriadas para acompanhar a evolução desta actividade. Dentro desta linha de actuação, prossegue a construção de infra-estruturas para a qualidade de vida das populações, embora com flutuações por efeito de período balnear. Estão em desenvolvimento redes de distribuição de água, Estação de Tratamento da Água (ETA); as Estações de Tratamento de Água Residuais e de lamas; o equipamento para recolha de resíduos sólidos e boa rede viária que têm por finalidade proporcionar à população sazonal - calculada em mais de 100 mil habitantes - boa qualidade de vida, não rentabilizados na maior parte do ano. Por isso, esclareceu, estes são os argumentos para assinatura de protocolos com o Governo, quer para apoio financeiro, quer para o seu equilíbrio, em contra-partida das consequências do substancial aumento da população. É o pagamento da factura a concelho do litoral.

DE ESPOSENDE

(Continuado da pág. 6)

EXPOSIÇÃO EVOCATIVA DE JOÃO DE FREITAS

Integrada nas celebrações do Dia do Município, esteve patente ao público na Sala dos Azulejos, do Museu Municipal, uma exposição evocativa do esposendense João de Freitas, "personalidade marcadamente influente na vida social, cultural e artística de Esposende nos últimos 10 anos do século XIX e nos primeiros 25 deste século".



João de Freitas, "Auto-Retrato", 1902

Dos trabalhos expostos, podemos avaliar o Artista, o Homem e o Esposendense.

João de Freitas marcou o período áureo da Vila de Esposende, perfilou-se na pléiade de ilustres filhos que lhe deram nome e muita vida num conjunto onde sobressaíam Álvaro Pinheiro, Xavier Viana, José da Silva Vieira e Alfredo Viana de Lima que, "generosamente dedicavam à sua terra uma permanente animação artística, cultural e recreativa". Vivia-se o período histórico conhecido pelo "belle époque".

A biografia de João de Freitas só poderia ser preparada e redigida pelo neto João José Rodrigues de Freitas. E fê-lo com mérito e devoção, como lhe competia, pois um ilustre esposendense e sua obra nunca poderão ser ditas por um qualquer sonhador. Por isso, nem vacilamos em reafirmar quem foi o Homem Bom, o defensor dos ideais democráticos, o esposendense que se dedicou com muitas arte e saber ao teatro, ao jornalismo, à música, à pintura, à escultura, ao desenho naval de que se guardam os riscos de navios construídos nos estaleiros navais de Esposende; cultivou ainda a pintura a óleo, a aguarela, o desenho a carvão e a tinta nanquim, legando-nos extraordinária coleção de trabalhos, com técnica e harmonia de cores. Ainda hoje, apesar dos 70 anos já passados, a crítica continua favorável ao artista, "aluno distinto, do curso de Artes e Ofícios Nuno Álvares, de Viana do Castelo".

É grato, é um dever moral, recordar a figura de tão ilustre filho de Esposende como foi João de Freitas.

JOSÉ DA SILVA VIEIRA E A HISTÓRIA DA TIPOGRAFIA

Quando se comemoram os 100 anos da introdução da imprensa em Esposende, de Maio a Dezembro de 1986, a figura de José da Silva Vieira esteve em destaque, em termos de imprensa. A tipografia, muito ao de leve, devido à escassez de elementos ou por falta de capacidade organizativa. Porém, nas comemorações do Dia do Município (19 Agosto 95), a história da tipografia, "veículo privilegiado de transmissão cultural", como disse a Dra. Maria Luiza, responsável pela Biblioteca Municipal, apareceu em Esposende pela mão de Américo Jorge da Silveira.

Através de mais de 60 miniaturas em madeira, das várias máquinas de imprimir, desde a primeira prensa utilizada por Gutemberg, totalmente construída em madeira, até à rotativa tipográfica de bobine Viscount - 1950, conta-se a história e a evolução da tipografia e da imprensa em Portugal.

Consta da exposição, organizada pela Biblioteca Municipal, a pequena máquina Bremen do tempo de José da Silva Vieira, para imprimir cartões de visita, a máquina de coser papel com arame, a caixa de tipos (alguns), a zincogravura do cabeçalho de "O Esposendense" e parte das obras compostas e impressas na tipografia Esposendense.

Inicialmente a Tipografia, fundada nos fins do século XIX, funcionou na Rua do Arco, depois na Rua Veiga Beirão (actual rua 1.º de Dezembro). "O precioso Almanaque do Concelho de Esposende para o ano de 1896 impresso nesta tipografia, que merecia comemorações dos 100 anos de saída a público", não consta dos fundos da Biblioteca Municipal, contra gosto dos seus responsáveis. Mas é compensada pela existência de 40 dos 112 títulos impressos na Tipografia de José da Silva Vieira, segundo um estudo do dr. Manuel Penteado Neiva.

As miniaturas expostas representam o espaço e o estudo exaustivo do seu autor, Américo Jorge da Silveira, devotado técnico das artes gráficas durante mais de 50 anos e reflecte, por isso, a homenagem justa e oportuna ao barcelense José da Silva Vieira que deu o seu melhor pelo desenvolvimento cultural de Esposende.

INCÊNDIOS NOS MONTES ALARMARAM A POPULAÇÃO

O Concelho de Esposende nunca viu a sua escassa mata de pinheiros devastada de modo tão catastrófico como neste verão de 1995. As chamas irromperam de frondosos pinheirais nas encostas dos montes de Antas, Belinho, Marinhas, Mar, Vila Chã, Palmeira de Faro, Gemeses e Forjães. O perigo espregitou noite e dia. Os Bombeiros sofreram enorme desgaste, em pessoal e material.

Os incêndios tiveram início em 12 de Agosto. Nunca mais cessaram. O fogo alastrou assustadoramente pelas encostas, circundou Rio de moinhos, passou por Vila-Chã (S. Lourenço), rondou a capela e a vivenda ali existente, passou a Rio de Moinhos com ameaça de várias habitações e voltou a subir o monte até Palmeira de Faro, desceu a Góios, enfim, parecia uma brincadeira.

Das informações colhidas junto dos Bombeiros de Esposende, desde 12 de Agosto nunca mais houve sossego para as Corporações de Esposende e de Fão até que, em 22, os incêndios reacenderam-se com mais intensidade o que obrigou ao recurso de meios aéreos e terrestres. Assim, compareceram no local, as seguintes Corporações: Esposende, Fão, Barcelos, Barcelinhos, Viatodos, Póvoa de Varzim. Dois aviões e dois helicópteros participaram no ataque com a coordenação dos meios mobilizados a partir do Centro Operacional instalado em Braga e, localmente, no Quartel dos Bombeiros. Juntaram-se mais as Corporações de Leixões, Matosinhos-Leça do Balio, Famalicenses, S. Mamede de Infesta, Gondomar e Vila do Conde.

Durante dois dias, os meios postos ao serviço dos Bombeiros em terreno e por via aérea, atacaram incessantemente o fogo em toda a extensão, com variados focos, com acessos inacessíveis. Sem dúvida que o espectáculo dos aviões e dos helicópteros chamaram muitos "mirones" às margens do Cávado, onde se abasteciam, num vai-vém de cerca de cinco minutos e, só no dia 23 de Agosto, ao fim do dia, restaram no terreno, algumas Corporações para o rescaldo.

O sinistro, de proporções alarmantes e nunca visto na área de Esposende, dá a certeza de fogo posto. Os indícios deixaram a convicção de que alguém actuava com rapidez. Não será de excluir, a negligência dos fogareiros para churrasco, nem o foguetório das festas e romarias.

Os Bombeiros tiveram imensas dificuldades. A falta de apoio das populações e de proprietários; os "mirones" e os fotógrafos, mais os vídeos, entre dificuldades de acessos, onde o fogo lavrava com mais intensidade.

De realçar o esforço dos Bombeiros. Com eficiência e dedicação desempenharam missão até ficarem exaustos.

CONTRASTE EM FÃO

O Largo das Rodas é todo ele um grande contraste. Na parte poente a urbanização é perfeita. Há moradias, há passeios, ergue-se ali ainda o Centro Cultural. Do lado oposto, ou seja, do lado nascente, situam-se dois estabelecimentos comerciais e sobretudo muitas silvas, muitos arbustos e algum lixo à mistura. Do outro lado da estrada, entre a antiga fábrica do "Fregueiras" e a estrada nacional n.º 13, estende-se igualmente um matagal que no mínimo é chocante para quem nos visita.

Acontece que estes terrenos têm todos dono. Só que os proprietários, porque não podem ali construir, deixam as terras ao abandono. E é de abandono a paisagem que nos fica.

Em nosso entender, deveria estabelecer-se um acordo entre os donos dos terrenos e a autarquia para, pelo menos, ser feita uma limpeza no local. Porque se não fazem nos dois locais parques de estacionamento automóvel? É do que actualmente Fão muito precisa. E pelo menos às pessoas que visitam o eldorado Ofir, não ficariam a ter logo de início uma sensação de abandono e de outras coisas mais.

O BOM JESUS DE FÃO

Por CARLOS MARIZ

CONFLITO COM O REITOR DE FÃO EM 17/8/1720

Nos números 133 e 134, deste jornal, referimos o conflito que houve entre os oficiais do Bom Jesus e o Pároco de Fão, Francisco Ferreira Gerês.

Quando este reitor veio para Fão, certamente procurou influenciar os Visitadores a introduzirem, capítulos, que, aos poucos, quase anularam o de 1707, que havia transferido a administração da Capela do Senhor Bom Jesus do Pároco para o Arcebispo, encarregando os oficiais da arrecadação das esmolos, mas só podendo gastar dinheiro em obras com autorização expressa do Arcebispo ou de seus visitadores.

Como vimos, perante o pedido do Pároco, feito em Braga a 20 de 7^{mo} de 1718, o Arcebispo mandou o visitador a Fão, que exarou despacho mandando ao Cura que "notifique os suplicados oficiais que de presente servem, na Capela do Senhor da Cruz, que com pena de excomunhão, e de se proceder ao que mais for necessário, não consintam que clérigo algum nem religioso diga missa na dita capela sem licença do suplicante, nem vem a tal licença preceder, dêem paramentos alguns, e que outro sim, sob as ditas penas, tenham fechados os paramentos dentro da Capela, ou não havendo nela comodidade para os terem fechados, e seguros, em tanto os recolham a Igreja, não em suas casas pela indecência e perigos de sacrilégio de os levarem para casa resulta; e assim mesmo se não entremetam aceitar as esmolos das missas e reparti-las, por pertencer ao ofício Paroquial, o receber as esmolos para as missas, e o dizê-las ou manda-las dizer pelos paroquianos sacerdotes e que as esmolos que se ofertarem para as obras as manifestem logo ao

reverendo Pároco e à sua vista se carreguem na Receita do Livro das Cartas para delas os darem em acto de visita; e sendo caso que algum dos oficiais de presente ou os que se lhe seguirem, aos quais logo o Rev.^{do}, Cura intimará este despacho tanto forem eleitos desobedeça em parte ou em todo, o R.^{do} Cura o declare logo, pos público excomungado, e contra ele proceda até de participantes, não obedecendo.

Fão, 10 de 9^{mo} de 1718 a) PEDRO DA COSTA FAJARDO.

Os moradores de Fão, fizeram logo extensa representação ao Prelado na qual referiram "...que estando a milagrosa imagem do Santo Cristo Bom Jesus do dito Lugar de tempo imemorial a esta parte em uma Capelinha limitada e menos decente, para o mesmo culto do devido Senhor, por os Reverendos Párcos se aproveitarem das esmolos e ofertas, sem aplicarem cousa alguma delas para a conservação da dita Capela e sendo tudo presente a V. H^a, foi servido mandar dois dos seus Ministros, para neste particular proverem o que fosse mais conveniente ao serviço de Deus, e veneração do mesmo Senhor..." "...ordenaram com grande zelo e amor de Deus, que os Rev.^{dos} Párcos se não aproveitassem mais de ofertas algumas..." "...e que todos se metessem em um caixão com três chaves..." "...e se procederia nelas, e na mais fábrica e missas, que se dessem na forma, que determinaram, que consta de certidão juntos". Referem que o Pároco recorreu, mas após sentença do Arcebispo, confirmando o Capítulo de 1707, o povo começou a concorrer com suas esmolos "e a pedir outras por diversas partes do Reino e ainda Sua Majestade, que Deus guarde, em tal forma, que juntaram tanta qualidade de dinheiro, que se deu com ele princípio a uma sumptuosa, e nova Igreja, que hoje se acha quase acabada com o zelo somente dos suplicantes, sem a mínima ajuda ou indústria dos Rev.^{dos} Párcos. E porque o que de presente existe perturba, e inquieta aos suplicantes intrometendo-se a impedir digam missa na dita Igreja sem sua licença e que os suplicantes para isso dêem os

paramentos, sem embargo de os adquirirem por mas esmolos sem intervenção alguma do reverendo Pároco, e quer que os suplicantes lhe obedecem e estejam pelo que ele determinar e ordenar a respeito das obras e regimem desta devoção, concorrendo com todo o dinheiro que ele mandar dar, e que há-de pôr porta que feche a dita Igreja em forma, que tire aos suplicantes todo o uso, e administração, que os ministros de V. E^a a princípio lhe concederam; e por isso falecendo-se uma sua freguesa, há pouco tempo a mandou sepultar, dentro da Capela-Mor da dita nossa Igreja, dizendo ser Senhor, e que só ele ali governava, e pediu aos herdeiros da dita defunta lhe dessem um cruzado (1) pela sepultura e afirma que o arrecadou, sem embargo de lhe ser proibido pela primeira resolução (2), e de os suplicantes estarem de posse de aplicar e esta, e as as mais esmolos para a fábrica da dita Igreja, e assim se vai intrometendo em todo o regimem e governo dela, expulsando totalmente aos suplicantes, dizendo que tem para isso capítulos de visita".

Referem que os Capítulos de visita constam da certidão junta (3) e se "esfria o zelo e devoção da dita imagem, porque na certeza de que as esmolos vão para o Pároco, que se dispendem por arbitrio seu, e não conforme a aplicação de quem as dá, deixam de as oferecer".

Dizem que ele não aceita as missas desde que as esmolos não sejam mais do que de tostão e "ainda as que aceita se presume, não se dizem todas na mesma Igreja". Quer que as esmolos se lancem numa caixa com três chaves, o que é incompatível com os pagamentos diários das obras, "não se pode considerar prejuizo entregando-se o dinheiro ao tesoureiro por termo, por ele assinado".

Pedem para mandar o Abade de Fonte-Boa informar, pois a informação que já deu o Reitor a reteve. "E como V. H.^{osa} deu a forma a tão grande obra, e com a sua direcção, e de seus Ministros, chegou ao auge, em que se acha, é justo interponha a sua protecção em conservação..."

"Pedem a V. H.^{osa} se sirva... dar bom método, e forma de governo, para que a ambição dos Rev.^{dos} Párcos não inquiete a devoção dos suplicantes, e esta vá em aumento, para suas glória de Deus".

O Prelado exarou despacho a 19 de Maio de 1720 para vista ao D. Procurador Geral de sua Mitra.

Este, João Esteves de Carvalho, informou a 20-5-1720, que tendo ido há pouco ao Couto de Apúlia ouviu as mesmas queixas que os suplicantes relatam e confirma que o Abade de Fonte-Boa já dera informação mas o Reitor de Fão a reteve.

Propôs que o Arcebispo mande o Abade de Fonte-Boa e o Prior de Apúlia darem sua informação sobre o caso, em carta fechada.

Por despacho de 20-5-1720 o Prelado ordena que os párcos referidos satisfaçam o que o seu Procurador Geral propõe.

(Continua)

Notas: As transcrições foram actualizadas, quanto à ortografia e eliminação de abreviaturas, para mais fácil leitura.

1) Correspondencia a 4.500 reis

2) Capítulo de 1707

3) Já nos referimos a estes capítulos nos números deste jornal acima citados.

REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA · ASSISTÊNCIA TÉCNICA
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVADORES 2 COLUNAS



LAVAGEM AUTOMÁTICA



ELEVADORES 4 COLUNAS



TESTE DE TRAVÕES



LAVAGEM ALTA PRESSÃO

Visite as nossas Exposições:

REIMELI

PORTO - RUA 5 DE OUTUBRO, 212 - TEL. 60 91 018 - 60 63 748 - FAX 66 73 85
LISBOA - RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1693 - TEL. 759 72 04 - FAX 759 72 06

PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



ALGUMAS NOTAS SOBRE A CULTURA DA FRAMBOESA

(Continuado do número anterior)

8 - COLHEITA

Uma plantação de framboesa, em local adequado e bem conduzida poderá produzir 10 a 12 ton/ha.

Inicia-se normalmente no mês de Junho, estendendo-se até fins de Outubro, nas regiões em que as temperaturas o permitam. Estes cinco meses de colheita podem dividir-se em dois grupos, um primeiro de cerca de três meses para as variedades não remontantes e para a segunda produção das remontantes e um segundo período, de dois meses a dois meses e meio para a primeira produção das variedades remontantes (Agosto, Setembro e Outubro).

A colheita que deve realizar-se durante as primeiras horas do dia, é efectuada à mão, em intervalos de um ou dois dias, função das cultivares e do tempo, sendo o rendimento de um colector, minimamente treinado, de 5 a 7 Kg/hora.

9 - CULTIVARES

Existe mais de uma centena de cultivares de framboesa. A maior parte das mais antigas desapareceu das plantações com a excepção da Norfolk'Giant e da Lloyd George.

As variedades modernas, propostas pelos diferentes Institutos e empresas melhoradoras, apresentam características bem definidas no que respeita à sua adaptação às diferentes condições edafo-climáticas, bem como quanto à adequação dos seus frutos às diferentes formas de utilização.

Esta caracterização efectuada pelos melhoradores ou, posteriormente, por técnicos ligados à produção, não dispensa, de modo algum, a necessidade de tenar localmente diferentes cultivares.

Não é possível, neste tipo de trabalho, apresentar uma descrição, ainda que resumida, das cultivares mais frequentemente utilizadas, pelo que nos limitaremos a fazer a sua listagem, indicando aquelas que, quer pelas características que apresentam, quer pela sua disponibilidade no mercado europeu, nos parecem merecedoras de estudo, para introdução no país.

LISTA DE VARIEDADES

Remontantes

Zeva remontante *
Héritage *
Heytor
Baron de Wavre
Bois Blanc
Fallred *
Scepter *
Rossana
Outom Bliss *
Lloyd George *
September

Não Remontantes

Glen Moy *
Malling Jewell
Farview
Zeva 1
Zeva 2
Puyallup Karge *
Canby
Taylor
Nootka
Malling Exploit *
Meeker
Sel. 1 095
Malling Admiral *
Chilcotin
Malling Leo *
Newburgh
Glen Prosen *
Haida
Redboud
Milton
Glen Clova *
Sel. 1 415
Skeena
Malling Delight
Jochems Roem

Magnifique Delbard Delmes *

Sel. 1 088

Malling Promise *

Schoenmann *

N. J. 883

Willametts *

Gradina *

Sumner

* - Cultivares em ensaio na região do Ribatejo-Oeste.

10 - ACIDENTES FISIOLÓGICOS

São várias as causas susceptíveis de induzir alterações no comportamento da planta. Podem dever-se a factores meteorológicos (geadas, vento, chuva ou queima); a factores nutricionais (desequilíbrios, carências ou toxicidades de elementos minerais); a perturbações devido a aplicações de produtos químicos (produtos fitossanitários, herbicidas, etc.).

11 - DOENÇAS E PRAGAS

A área dedicada a esta cultura no nosso país é ainda relativamente pequena, pelo que a maior parte das doenças e pragas comumente citadas na bibliografia ou não se encontram detectadas ou não se encontram referenciadas. O mesmo se pode dizer para a grande maioria dos agentes patogénicos susceptíveis de constituir doenças na framboesa.

Referimos apesar de tudo, as de maior probabilidade de ocorrência, referenciando aquelas cuja presença está confirmada no país.

Vírus

São vários os vírus que podem atacar a framboesa e alguns deles são particularmente graves, nomeadamente o vírus do nanismo, do amarelecimento, do enrolamento das folhas, clorose das nervuras, marmoreado, etc.

De todos estes cremos apenas ter encontrado um ataque de vírus do nanismo que é transmitido por um Cicadélídeo.

Fungos

Os principais fungos causadores de doenças na framboesa são:

Podridões de raiz e caule (*Verticillium* sp. e *Armillaria mellea*) Morte das varas (*Didymella aplanata*).

Septorioses (*Septoria* sp.).

Atracnose (*Glocosporium venetum*).

Oídio (*Sphaerotheca humuli*).

Podridão cinzenta dos frutos (*Botrytis cinerea*).

Etc.

Pragas

Como pragas mais frequentes temos:

Piolhos (*Aphis* sp.).

Lagarta da framboesa (*Byturus tomentosus*).

Acaros (*Paratetranychus pilosus*).

Etc.

DE APÚLIA

EFEMÉRIDE – O dia 18 de Agosto de 1945 foi, para Apúlia, um dia grande, diferente, um dia de festa.

Na sua nova Igreja Paroquial, benzida solenemente pelo Bispo da Diocese, D. António Bento Martins Junior, também foi celebrada a sua primeira Missa.

As obras, começadas uns anos antes pelo Padre Adelino Miranda, foram concluídas com outro Prior à frente da Paróquia, o Padre Cândido Lima das Eiras, que viera ocupar o lugar, vago pela morte prematura daquele.

A efeméride, foi recordada pela Paróquia com um significado muito especial – o anúncio do restauro e ampliação – desse belo edifício para breve.

No Salão Paroquial, onde se reuniu a Comunidade Paroquial, o arquitecto autor do projecto deu explicação pormenorizadas dessas importantes obras, que vão alterar para maior e diferente, esse já velho e também exiguo templo para as necessidades duma terra que cresceu muito nestes cinquenta anos.

À Missa solene e à reunião no Salão Paroquial, também estiveram presentes o Bispo Auxiliar D. Carlos Pinheiro, e os Presidentes da Câmara de Esposende, suspenso e em exercício, Alberto Queiroga Figueiredo e dr. Tito Alfredo Evangelista de Sá.

Ao contrário das obras festejadas em 1945, as que se vão seguir não vão ser subsidiadas pelo Estado, por vontade da Paróquia.

ASCRA – Em imponente edifício, constituído por três corpos, um central e dois laterais, foram inauguradas com alguma solenidade no dia 19 de

Agosto, as novas e modernas instalações desta Associação Cultural e Recreativa de Apúlia.

Para além da Creche/Jardim de Infância, também ali vai funcionar num futuro próximo, um centro de dia para idosos.

À inauguração estiveram presentes o Ministro dr. Marques Mendes, o Governador Civil dr. Ribeiro da Silva, o Presidente da Câmara Municipal de Esposende, dr. Tito Alfredo Evangelista de Sá, e o ex-Presidente da Câmara, suspenso a seu pedido, Alberto Queiroga Figueiredo, a quem Apúlia deve este importante melhoramento de índole social.

AS FESTAS DE APÚLIA – A tradição cumpriu-se. Agosto, foi mês de festas para Apúlia. Primeiro festejou-se a Senhora do Amparo, na sua Capela do Lugar de Criaz.

Bons programas, muita qualidade, tanto no aspecto religioso como no profano. E tudo com um tempo magnífico.

Depois foram as da Senhora da Guia, na sua Capelinha da Praia, também com tempo e mar magníficos. E com uma multidão impressionante de forasteiros.

Na parte religiosa, destaque para a Procissão da Praia. Sempre igual mas sempre diferente ao longo destas últimas quatro décadas. É principalmente para assistir a este impressionante acto de fé de todo um povo, que a maioria dos romeiros cá vem.

Mas a parte profana, também teve este ano o ponto alto no Cortejo Etnográfico. Da Igreja Matriz à praia, a avenida era um mar de gente que se acotovelava para ver melhor a Apúlia de tempos idos, nos seus trajos, nas suas actividades da lavoura,

na indústria, na pesca, na apanha do sargaço e na actividade de seus lindos moinhos e azenhas.

Apúlia há um século, já era uma terra grande e um aterra importante. E era, seguramente, uma terra mais bonita.

FALECIMENTOS – Na sua casa da Areia, faleceu no dia 4 de Agosto, a Senhora ELVIRA FERNANDES MOREIRA, talvez a segunda mulher mais velha de Apúlia.

A Senhora "ELVIRA PASCOAL", nasceu em Apúlia no dia 27 de Fevereiro de 1897, e era filha de Bento Ferreira da Costa e de Rosa Moreira de Barros.

Era viúva de Celestino Gonçalves Caramalho.

Vítima de acidente de viação, por despiste do carro que conduzia na "variante", em Beiriz, Póvoa de Varzim, faleceu o Senhor MÁRIO IGREJA AZEVEDO, natural de Rio-Tinto (deste concelho), e residente na Rua da Boa Viagem.

Boa viagem que o extinto, de apenas 32 anos, não teve.

Era filho de António da Silva Azevedo e de Maria Adelina Miranda Neves Igreja, e casado com a Senhora D. Filomena Maria da Fonseca Palmeira Azevedo.

Também vítima de acidente, com um trator agrícola, na Praia de Cedovém, faleceu o Senhor MANUEL ALVES DA CUNHA, natural de Gandra, Esposende, e residente no lugar de Paredes, em Apúlia.

Filho de Rosa Alves da Cunha, nasceu em 30 de Novembro de 1930.

Era viúvo de Alice Dias dos Santos.

Associamo-nos à dor das famílias enlutadas, e a todas apresentamos o nosso cartão de pesar.

JOÃO GOMES MOREIRA – Este presado amigo e conterrâneo, "JOÃO FÉ" para os amigos, industrial na cidade de S. Paulo, Brasil, já está novamente entre nós, para habituais férias.

Desta vez apenas vem acompanhado pela esposa. O "Nico", seu filho único, só vem em Outubro, por altura da abertura geral da caça.

CARTA AO MUNICIPE (Apuliense) – O caso é inédito e também elucidativo. A comunicação social, que por aqui andou em "peso" a acompanhar o dr. Manuel Monteiro, líder do CDS/PP, na sua "rentree" política, e na sua "faina" pesqueira (na companhia de pescadores de Apúlia), levou ao conhecimento do grande público factos anómalos que, parece, só eram apenas do conhecimento de certos indivíduos, irresponsáveis e ignorantes...

O facto ganhou ainda maior relevância por se tratar de uma praia de banhos muito conhecida a nível nacional.

O Espanto, a estupezacção, e até o repúdio que esses importantes órgãos de comunicação social manifestaram, serão, seguramente, os principais responsáveis pela carta que a Câmara, da Presidência do dr. Tito Alfredo Evangelista e Sá, entendeu por bem enviar aos apulienses.

Para Apúlia, a passagem por aqui do dr. Manuel Monteiro, foi benéfica. Não fora ele, e a Câmara de Esposende não teria ainda conhecimento de um assunto de tanta gravidade.

Descontando alguns exageros e certos "mimos", não há dúvida, a Câmara tem razão. Mas apenas no que respeita às descargas de esgotos na rede de águas pluviais.

Se os apulienses não ajudarem, a Câmara pouco mais poderá fazer do que aplicar multas profiláticas, se chegar algum dia a querer ter conhecimento de quem polui.

De qualquer forma, que se capacitem os apulienses, a manter-se a presente situação, os grandes e únicos prejudicados serão eles (todos), e também a terra.

NOVO TALHO
JACINTO

Carnes de Qualidade
"APÚLIA"

Talho 1 – ☎ (053) 981920

Talho 2 – ☎ (053) 981946

FAX (053) 981920

DESPORTO

Por JOÃO PEDRAS

FUTEBOL

Através do relatório da Direcção apresentado na última Assembleia Geral Extraordinária, pode fazer-se uma apreciação global ao trabalho realizado pela Direcção que presidiu ao Clube no período de 1994/95.

Foi feita a remodelação da canalização do campo. A sede do clube criou espaço para a instalação de bilhar e máquinas o que fez aumentar a receita.

Foi pago à União de Bancos a quantia de 700 contos. Também a célebre carrinha foi finalmente liquidada. Aliás foram também liquidadas as dívidas antigas que transitavam de umas direcções para outras.

A despesa anual cifrou-se em esc. 14.474.258\$00. Resultou ainda um saldo de 505 contos.

Segundo se pode ler no relatório, o C. F. de Fão apresenta uma situação financeiramente estável que lhe confere credibilidade e respeito. O Clube agradece à Câmara o apoio recebido e aos fangueiros e amigos de Fão. Uma menção especial para o Pachá que mais uma vez deu um apoio importantíssimo ao clube. Quanto à Junta o seu relacionamento perante o Clube poderá mudar pela positiva.

Organizou-se um torneio particular em que entraram o Fão, Antas, Palmeira e Gandra. O vencedor foi o grupo gandarense.

Este ano foram inscritas equipas de Juvenis e Iniciados. O chefe do departamento é o director José Luis Ribeiro. O treinador dos Iniciados é o Marco Aurélio. O técnico dos Juvenis é o Pinto. O campeonato dos Juvenis inicia-se a 8 de Outubro. O dos Iniciados começa em 29 do mesmo mês. Já agora informa-se que o treinador dos seniores continua a ser – e muito bem – o Zé Manel.

Chegamos ao fim do nosso relato concluindo e afirmando que a terra de Fão aguenta uma equipa na 1.ª Divisão de Honra da

PORTO EDITORA

"Se o Zé Maria precisar, para o 8.º ano, de alguns livros editados pela Porto Editora, agradeço me informes para ver se lhes posso arranjar".

Com estas palavras recebemos há dias uma carta da dr.ª Rosália Teixeira, da Porto Editora, com o fim de ajudar um nosso conterrâneo, bolsheiro da Fundação Prof. Pio Rodrigues, a prosseguir os seus estudos. Esclarecemos que a proprietária daquela editora já o ano passado, de moto próprio, aderiu monetariamente ao grupo de pessoas que está a ajudar os estudos do Zé Maria. Agora oferece os livros. A Porto Editora, prosseguindo uma tradição que vem já dos tempos do saudoso Professor Vasco Teixeira, continua a ajudar os estudantes necessitados.

Bem haja.

A. F. Braga. O que é preciso é saber trabalhar como foi o caso da Direcção cessante e como será o caso da Direcção actual, ou filho de peixe não soubesse nadar.

LICENCIATURA

Terminou o Curso de Relações Internacionais na Universidade do Minho, com alta classificação, a menina Maria João Handel de Oliveira, moradora em Delães (Famalicão) que é filha da nossa conterrânea Zélia Maria Ramos Pereira, casada com Henrique Handel de Oliveira.

À nova doutora, que tem apenas 21 anos de idade, os nossos parabéns.

VENDE-SE

Apartamento T1, novo, na Rua da Cruz. Preço: 7500 c.

Falar para os telefones (053) 981575/961566 – (02) 6004690.

O NOVO FANGUEIRO

Mensário Regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Fernando de Almeida
cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Agonia Pereira
João Pedras
Carlos Mariz
Marta Mariz Mendes
José Maria Machado do Vale

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 – Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII – Telef. 684318
PÓVOA DE VARZIM

Assinaturas de "O NOVO FANGUEIRO"
Anual..... 750\$00

A cobrança de "O Novo Fanguero" através dos Correios será por conta do assinante.

Optica Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA.

• ÓPTICA
MÉDICA

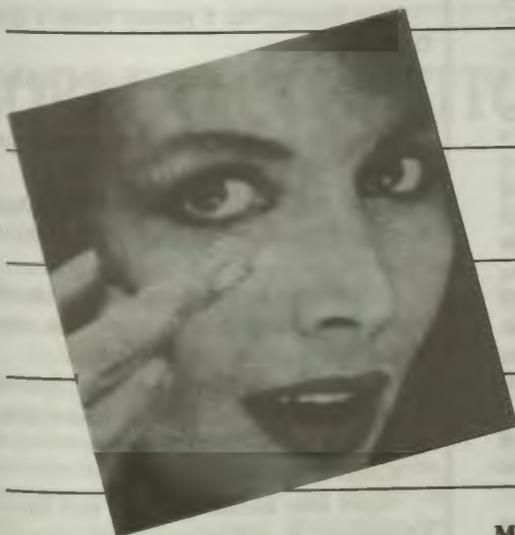
• LENTES DE
CONTACTO

• APARELHOS
DE PRECISÃO

GABINETE DE OPTOMETRIA
E CONTACTOLOGIA

MARCAÇÃO DE CONSULTAS DE:
OPTALMOLOGIA E OPTOMETRIA

Rua da Misericórdia, 4/6 — Tel. 7 57 77 • 4700 BRAGA



REMINISCÊNCIAS DE UM EMIGRANTE

Os fangueiros no Rio de Janeiro e no Brasil

De AMANDIO C. CARAMALHO

Hoje faz 68 anos que deixei Fão com destino ao Rio de Janeiro, como fazia a quase totalidade dos portugueses, na aventura de conseguir os meios necessários para a sua sobrevivência, uma vez que Portugal não possuía condições para alimentar seus filhos.

E por esse motivo, em todos os Continentes do nosso Planeta, existe a marca aventureira da presença do povo português, desde o seu nascimento. E foi por essa razão que Portugal foi o país escolhido pela Hierarquia Divina, para mostrar ao Planeta Terra, a existência de NOVAS TERRAS, conforme já expliquei a quem se interessou, com a criação da ESCOLA DE SAGRES, e os conhecimentos dos diversos navegadores que por lá passaram.

E todo o prestígio e ensinamentos de um GRANDE POVO, originário de um pequeno território, foi obra desses BRAVOS EMIGRANTES, que com sacrifícios e lutas em todos os sectores, onde mais de 50% perderam a VIDA para plantar CIVILIZAÇÕES que engrandeceram, e continuam a engrandecer a METRÓPOLE de origem, que sempre viveu Portugal.

E foi pensando nesses feitos dos EMIGRANTES PORTUGUESES, que durante estes 8 meses que estive mergulhado no isolamento forçado pela 4.ª cirurgia em meus olhos, fiquei impossibilitado de escrever e que há 2 anos já não conseguia ler.

E estas REMINISCÊNCIAS se acentuaram mais quando a Alézia, como já vinha fazendo há algum tempo, leu no n.º 129, deste Fevereiro de 1995, a história das "Recordações de Infância", escrita pela conterrânea MARIA ROSÁLIA (que desejo conhecer), e que fala de uma brincadeira "CACADA DE CARNAVAL" que eu não sabia o que era.

E como tinha na história nomes da minha família, como a Cremilda, a Iracema e a Bina Vicenta, mais a casa que hoje é da Lai-lai, nasceu também o desejo de recordar o passado.

Ansioso, sem saber o que era as "CACADAS" de CARNAVAL, pedi à Alézia para ligar o telefone para Porto Alegre e perguntar à Cremilda. Ela ainda não havia recebido o nosso "Fangueiro", então a Alézia leu a história para a Cremilda e passou o telefone para mim, e depois de meia hora, fiquei sabendo o que era a tal da CACADA. E no final de tudo a Cremilda estava chorando e me dizia: - Amândio, este foi o maior presente que podia receber hoje, dia de meu aniversário, pois estou completando 74 anos.

E nisto podemos ver como pequenas coisas às vezes, tem grande valor, confirmando assim o velho ditado que: - "recordar é viver". Ainda á noite telefonei também para o Benjamim irmão caçula dela, que mora aqui no Rio e falamos do assunto, quando ele me confirmou a história de retribuição feita pela irmã Bina e demonstrando as mesmas saudades que a MARIA ROSÁLIA diz sentir do passado.

E no final de tudo isto que falámos, impossibilitado que estava de escrever, comecei a pensar que, logo que pudesse, haveria de escrever as recordações do passado, para que a

Juventude de hoje tenha conhecimento como era a vida no início deste século e (muito pior antes), sem telefone, rádio, televisão, discotecas, vídeos, e muito menos um telefone de bolso como hoje existe.

Mas tudo isso de hoje, nasceu das buscas, das lutas, das experiências e dos sacrifícios dos homens da antiguidade, que foram deixando suas experiências como material que daria aos JOVENS de hoje todos os recursos que possuem. E então começo a falar das recordações da Maria Rosália e da última conversa que tive com o Professor ALCEU VINHAS, sentados na estrada, defronte ao nosso orgulhoso Hospital, à espera da camioneta para Esposende, lhe disse:

Que diferença, ALCEU. Toda essa criançada à espera de condução para ir para a Escola, enquanto que no nosso tempo vi muitas vezes os estudantes que vinham do Porto ou da Póvoa, tinham que vir a pé, porque não havia transporte e muito menos dinheiro, como vi muitas vezes o nosso TINO GLÓRIA fazê-lo, antes de eu vir para o Brasil. Agora tenho a felicidade de contar a todos os fangueiros de hoje, não como as recordações de Maria Rosália, mas dizer aquilo que ela não conheceu, e nem mesmo a "Blusa" que a mãe dela fez para uma ambiciosa cuja vaidade mostrava seu carácter deformado. E com todas essas lembranças bem vivas em minha memória vou recordar alguma coisa que a vida nos ensinou:

Nasci em Fão, no torrão mais lindo de Portugal em 1918.

Naquele tempo não existia luz, e defronte da nossa casa luxuosa (sim, era uma das melhores), na rua da CRUZ, existia um lampião, que por falta de luz, numa das críticas dos homens da época, fizeram uma cantiga, que o Diamnatino já entoava, que dizia assim: - Eu sou o lampião - da rua da Cruz - que ha mais de... x... anos - que não vejo luz.

Quá...Quá...Quá...cá... cá ...Quá...Quá... cá...cá. - etc.

Os meninos que brincavam comigo naquela rua nossos vizinhos, eram: o Celestino Coxinha, o Luiz e Amândio Padeiro, o Carlos Folheteiro, o Alaio, e mais crescidinhos - o Alvarino, o Casimiro Machado e o João Sineiro. As meninas, lógico que eram as primas Antonieta e Lailai, e na escola primária a namoradinha que mesmo aqui no Rio sempre falávamos, era a Diva (das Pedreiras, casada com o Cândido Teixeira. Mas tínhamos que seguir nosso rumo, e deixar as ruas de chão batido tal qual a natureza criou, e que os nossos pezinhos descalços nunca se magoaram, e ir para o Brasil, como todos faziam.

Assim, no dia 18 de Julho de 1927, com minha mãe, parti para Leixões onde no dia 20 embarcámos no navio BAGÉ, do Loide Brasileiro, e depois de 18 dias de viagem chegávamos ao Rio de Janeiro. Na tripulação do navio lá estava um fangueiro, o Ramiro.

Na época poucas eram as mulheres que os maridos chamavam para sua companhia, e não sei qual delas foi a primeira. mas a primeira que conheci foi a minha tia Maria Faneca, casada com meu tio José G. Caramalho e seus 5 filhos; Paulina Augusta, José, Rosa e António, sendo que

(Continua na pdg. 4)

PEDRAS QUE FALAM

Por MARIA SALOMÉ

De tantas coisas a que assisti na vida, já há muito que a minha alma não registava uma tão importante:

De férias ali perto, o amigo Artur Costa veio visitar-nos levando-nos para uma surpresa.

Surpresa? Mas ainda há disso, neste mundo tão sem graça?

Entramos na casinha da Zita, onde a sala mais parece uma galeria de arte com aquelas sugestivas caricaturas e... não só.

Era a noite da dobragem dos jornais. Já me tinham falado nisso, mas eu não poderia imaginar o engraçado, o sentido comunitário do serão.

Chegada a hora, todos acudiram à chamada, sem haver um que fosse, que desse aquelas desculpas de "preguiça disfarçada".

Eu encantada, observava.

Mas, cedo, comecei a trabalhar também.

Ao fundo, na mesa grande, o Américo, o Adelino Saraiva, o António Viana, o Casanova, a Zairinha, eficientemente comandados pela Zita que nasceu (sejamos justos) para comandar.

Mais à entrada, no sofá, estava comigo o Armando, sempre interessado em tudo o que eu ia dizendo.

Ah! Estava também aquele doce de moço o Zé Maria Vale que parece ter encontrado cedo o seu caminho...

Eu olhava para o maço enorme dos jornais na esperança vã de que abatesse a altura.

Já me doiam as mãos, mas a alma, essa rejubilava. Foi quando senti, pela janela aberta, uma qualquer sombra: era o Ruben que vinha, com o seu lindo cão, oferecer mais braços.

Que bonito! Fão é mesmo assim e que Deus a conserve.

No final, uma mini-ceia, em que esqueci que tinha fígado...

Parabéns (passe a publicidade) ao Artur António "Sentido Único" (Pizzaria).

É que ele fez a pizza mais maravilhosa que eu já vi. É que nunca tinha comido nenhuma!

O Fernando de vez em quando, dizia-me que os meus jornais estavam tortos, mas, para caloir, creio que me saí menos mal.

Era noite, noite quente de Verão, quando regressámos. Cheios de paz. De fraternidade. De vontade de reunir. De associar.

Como se faz em Fão.

Agora uma adenda: ninguém teve direito a "senhoria". É mais literário assim: perdoem.

Mas vivo o serão para sempre, mesmo que a distância não me permita a presença fascinada, encantada, cheia de uma emoção que há-de ser sempre o meu mais belo e doloroso carisma.